

## CIÊNCIA E SOCIEDADE

João Ferrão

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Lisboa

Nas últimas décadas desenvolveram-se dois debates relativamente autónomos mas com interseções evidentes e mesmo crescentes, um sobre a conceção de ciência e outro sobre o papel das universidades.

No primeiro caso, a conceção racionalista moderna de ciência, ainda hoje prevalecente, tem sido questionada a partir de perspetivas como a “ciência pós normal” (Funtowicz e Ravetz, 1993) ou a “ciência modo 2” (Nowotny et al. 2001). Embora com argumentos não totalmente coincidentes, estas e outras visões criticam a delimitação rígida que a conceção racionalista moderna introduziu entre o conhecimento considerado científico, produzido nas universidades e em unidades de I&D, e outros tipos de conhecimento e saber, produzidos no dia-a-dia por indivíduos, comunidades e organizações.

No segundo caso, a tripla missão das universidades – ensino, investigação e transferência de conhecimento para a economia e a sociedade – tem vindo a ser enriquecida com a definição de uma quarta missão, baseada em formas de envolvimento mais intensas e interativas da universidade com a sociedade civil, em geral, e com as comunidades locais, em particular. Por exemplo, Goddard (2009) e outros autores têm recorrido à expressão ‘universidade cívica’ para designar as universidades que mobilizam o ensino e a investigação para dar resposta às necessidades sociais, económicas, ambientais e culturais das áreas envolventes e para estimular a inovação social nas comunidades que aí residem.

Em ambos os casos, é a visão moderna – no primeiro caso de ciência; no segundo, de Universidade – que é posta em causa a favor de formas mais interativas e colaborativas de produzir novo conhecimento e de inovar. Estas formas de cocriação de conhecimento – envolvendo múltiplos agentes – não desresponsabiliza a Universidade nem desvaloriza o conhecimento científico, como os defensores da visão moderna de ciência e de universidade afirmam. E uma relação mais empenhada da universidade com a sociedade e as comunidades locais não pode colocar em causa os princípios éticos que devem presidir a qualquer atividade desenvolvida pela universidade.

A atual situação estrutural de crise e mudança torna ainda mais clara a importância destas novas conceções de ciência e de universidade, reformatando a relação universidade-sociedade a partir de desígnios de transformação societal. Mas, ao mesmo tempo, torna também mais evidente as várias tensões que estas novas conceções suscitam, quer no interior das universidades, quer entre os seus membros e indivíduos, organizações e comunidades que lhes são externos. A relação universidade-sociedade ganha, assim, contornos que merecem um debate aprofundado.

